

# **A Guerra Fria do Século XXI: O Conflito Silencioso**

**Henrique Dorneles Wolinsky de Oliveira<sup>1</sup>**

**Henry Vinícius de Oliveira<sup>2</sup>**

**Vinícius Silveira Moraes<sup>3</sup>**

**José Mário Pacheco Carvalho<sup>4</sup>**

## **Resumo**

Em um período de conexão e interdependência entre as diversas nações do mundo, o artigo busca analisar os fatores que corroboraram para a formação da chamada “Guerra Fria do Século XXI”, fenômeno que combina disputas econômicas, militares, tecnológicas e culturais. Foi desenvolvido com base em análises de artigos, textos jornalísticos e materiais audiovisuais publicados na internet.

## **Introdução**

As primeiras décadas do século XXI apresentaram ao mundo uma nova realidade de cenário internacional, que reflete tensões já conhecidas da Guerra Fria, porém combinando novos elementos e participantes em uma dimensão ainda mais ampla e abrangente. Os conflitos deixaram de ser exclusivamente militares, passando a serem reconhecidos nos campos intelectual, econômico, tecnológico e cultural. Fatores como os eventos terroristas de 11 de setembro, os esforços americanos no Oriente Médio, a “Guerra Cultural” propagada pela mídia e pelos ambientes digitais, a ascensão e disputas da China remodelaram o panorama internacional, redefinindo as relações multilaterais e exigindo uma nova organização do mundo.

Diante dessa realidade, surge a necessidade de entender como se configura essa nova fase de rivalidades e disputas pela hegemonia global, em suas dimensões

---

<sup>1</sup> Estudante do 2º ano do Ensino Médio no Colégio Romano São Mateus. E-mail: henrique.oliveira@colegioromanosm.rederomano.com.br

<sup>2</sup> Estudante do 2º ano do Ensino Médio no Colégio Romano São Mateus. E-mail: henry.olivera@colegioromanosm.rederomano.com.br

<sup>3</sup> Estudante do 2º ano do Ensino Médio no Colégio Romano São Mateus. E-mail: vinicius.moraes@colegioromanosm.rederomano.com.br

<sup>4</sup> Professor de História, Filosofia e Sociologia no Colégio Romano São Mateus. E-mail: jose@colegioromanosm.rederomano.com.br

econômicas, políticas, culturais e ideológicas. Esse trabalho tem como objetivo analisar os elementos que caracterizam esse novo conjunto de relações desse século, entendendo o papel de cada agente para a organização internacional e os impactos para todo o globo.

Para atingir tal objetivo, foram feitas pesquisas em artigos acadêmicos, reportagens jornalísticas e fontes em vídeo que permitem compreender as dinâmicas recentes da geopolítica, possibilitando traçar um panorama dos fatores contribuintes para a “Nova Ordem Mundial”.

### **O 11 de Setembro e as Operações Militares dos EUA**

O século XXI começou com esperanças de um tempo de paz: a Guerra Fria havia acabado 10 anos antes, e desde lá, nenhum conflito armado ou geopolítico em escala mundial havia começado. Segundo o filósofo nipo-estadunidense Francis Fukuyama, a Guerra Fria do século XX marcou o último conflito de grande escala da humanidade e declarava “o fim da história”, no qual defendia que a democracia liberal e o capitalismo haviam triunfado como modelo de organização política e econômica.

Em suas palavras, o “fim da história” não significava que os eventos deixariam de acontecer, mas sim que a humanidade havia atingido o ápice de evolução ideológica. No entanto, essa visão de otimismo para o futuro seria destruída em 11 de setembro de 2001, quando os Estados Unidos sofreram o maior ataque terrorista que a humanidade havia presenciado.

Naquela manhã, 19 membros da organização terrorista Al-Qaeda, liderados por Osama Bin Laden, sequestraram quatro aviões comerciais e os chocaram contra pontos estratégicos do solo americano que causaram uma das maiores tragédias da história global: nas torres gêmeas e no pentágono; em Nova York e Washington, respectivamente. Os atentados deixaram 3 mil mortos, mais milhares de feridos e o mundo atônito.

O 11 de setembro representou mais do que apenas um ataque físico: representou um ataque moral e simbólico à hegemonia Americana e a ordem mundial estabelecida após a primeira Guerra Fria. Pela primeira vez em sua história como potência hegemônica, os Estados Unidos se encontravam em posição de vulnerabilidade, e em resposta a isso, George W. Bush, então presidente dos Estados Unidos declarou a “Guerra ao Terror”.

Esta guerra distinguia-se de outras por não ser um conflito entre nações, mas sim por um conflito entre uma nação e uma ideologia extremista: o terrorismo. O primeiro alvo foi o Afeganistão, onde o Talibã, um regime fundamentalista islâmico e que abrigava a liderança da Al-Qaeda e responsável pelos atentados de 11 de setembro: Osama Bin Laden. Entretanto, as tratativas militares dos Estados Unidos só começaram porque a liderança afegã se recusou a destruir as bases da Al-Qaeda, assim como entregar lideranças do grupo que se abrigavam no país. Então as principais motivações dos Estados Unidos eram derrubar o Talibã do poder e destruir a Al-Qaeda. A atuação dos Estados Unidos aconteceu sem o apoio da Organização das Nações Unidas. Os Americanos, então, tinham apenas apoio da OTAN, formando um grupo de oposição ao Talibã, que em outubro do mesmo ano dos atentados, começou a posicionar tropas e a bombardear instalações da Al-Qaeda no território Afegão.

Dizimado pelo ataque, o Talibã foi cada vez mais se enfraquecendo, ficando impossível defender o país. Com isso, as lideranças importantes desse grupo e da Al-Qaeda foram obrigadas a deixar o território para buscar segurança. Em dezembro de 2001, o governo do Talibã foi derrubado, e os Estados Unidos deram início a um novo governo e apontaram Hamid Karzai para ser o comandante. Além disso, a ONU decidiu enviar forças de defesa a fim de evitar tentativas de retomada de controle do Talibã sobre o país. Com o Talibã derrubado, a ideia era constituir um governo democrático e garantir estabilidade para o Afeganistão, e, com esta ideia, uma nova constituição foi instituída em 2004 no país.

O Talibã, que estava enfraquecido após ser derrubado do poder, foi gradualmente se reestabelecendo e, por volta do final de 2003, o grupo voltou à ativa no Afeganistão, atacando tropas militares das forças americanas no país. Isso fez com que os Estados Unidos aumentassem a quantidade de tropas no país, assim elevando o desgaste de suas unidades. Isso fez com que a ideia de retirar as tropas gradualmente a partir de 2006 ganhasse apoio.

Com o passar dos anos, a guerra se tornou extremamente criticada nos Estados Unidos, pois os custos com a operação militar excediam as expectativas iniciais, e morria-se muitos cidadãos americanos. E em 2014 o Talibã atingiu novos níveis de organização, impulsionando a corrente que defendia a saída americana do conflito. Durante o governo de Donald Trump, as duas nações já negociavam termos para a retirada das tropas norte-americanas do país asiático. O Talibã, nesse

momento, já possuía controle de porções importantes do território, mas o governo central ainda era de posse de Ashraf Ghani, então presidente do país.

Em 2021, já com Joe Biden governando os Estados Unidos, foi anunciado que as tropas do país iriam se retirar por completo da região até o fim de agosto do mesmo ano. Isso motivou uma ofensiva relâmpago e inesperada do Talibã, que em 15 de agosto de 2021, derrubou a capital Cabul e retomou o controle do país. O presidente Ashraf Ghani foi obrigado a deixar o país. Isso marcou oficialmente a derrota dos Estados Unidos na guerra, pois após 20 anos de ocupação no Afeganistão: foram incapazes de criar um estado e um governo estável e ainda viram o Talibã recuperar o poder do país.

Simultaneamente, no ano de 2002, George W. Bush também estava com suas atenções voltadas para o Iraque. O conflito iraquiano começou com denúncias americanas de que os iraquianos possuíam armas de destruição em massa e armas biológicas que poderiam colocar os EUA e seus aliados em perigo. Após muitas denúncias e desconfianças, a ONU enviou inspetores para o Iraque para investigar os armamentos controlados por Saddam Hussein.

Em fevereiro de 2003, os investigadores delegados chegaram à conclusão que não havia nenhuma arma de destruição em massa no Iraque. George W. Bush, então, contrariando as sugestões de segurança das Nações Unidas, formou um grupo militar com objetivo de atacar o território do Iraque: essa aliança continha soldados britânicos, italianos, australianos e espanhóis.

Em pouco tempo, este grupo militar conseguiu derrubar o governo iraquiano, e instituir um governo de natureza provisória. Em dezembro de 2003 o governo americano anunciou oficialmente que a ofensiva no Iraque havia sido bem sucedida. A vitória estadunidense, representada pela captura de Saddam Hussein - que seria executado em 2006, amenizou a tentativa falha de encontrar Bin Laden na missão no Afeganistão, mas gerou um incômodo político por não terem encontrado armas biológicas que Hussein supostamente possuía.

Depois de alguns meses, a população iraquiana iria às urnas para escolher figuras políticas para instituir uma nova constituição no país. Jalal Talabani foi nomeado presidente. Esses momentos fizeram parecer que a estabilidade política e social havia sido atingida no Iraque, mas isso está longe de ser verdade hoje em dia, devido a grupos políticos e a tensão entre sunitas e xiitas, o país entrou em guerra civil. Os Estados Unidos se encontram em uma batalha sem fim, pois o país ainda

mantém tropas no Iraque para evitar movimentos terroristas, mas não obtém sucesso completo.

### **As Revoluções Conflituosas**

O Oriente Médio, ao longo da história moderna, tem sido um grande centro de conflitos armados e geopolíticos no mundo, por ser um local estratégico, rico em petróleo e berço de religiões milenares. Esta região passou por grandes transformações nas últimas décadas, sendo lar de grandes conflitos internos, de intervenções externas e uma constante briga por influência na região. Neste contexto, três elementos se conectam entre si de forma crítica: a ascensão do Estado Islâmico, a “Primavera Árabe” e a “Guerra Fria” do século XXI.

A Primavera Árabe teve seu início em 2010, de uma forma estranha e incomum: com um vendedor de frutas. Mohamed Bouazizi, de 26 anos, era residente da pequena cidade de Sidi Bouzid, na Tunísia, onde trabalhava como ambulante. Por não obter uma licença para trabalhar legalmente, Mohamed era constantemente intimidado por policiais. E o dia 17 de dezembro deste ano foi o estopim para Mohamed. Após ter seu carrinho de frutas confiscado mais uma vez, ele se dirigiu à sede do governo local para tentar recuperar seus pertences, mas foi ignorado. Movido pela raiva e desespero do iminente desemprego, Mohamed derramou um galão de combustível em si mesmo e ateou fogo no próprio corpo na sequência.

O vídeo e a notícia rapidamente se espalharam pela Tunísia, e diversos protestos contra o desemprego e a corrupção começaram pelo país. Por mais que fosse proibido pelo governo de Zine al-Abidine Ben Ali, então presidente do país, os protestos se multiplicaram pelas ruas, com direito a choques com a polícia, o que deixava Ben Ali pressionado e chamava a atenção das grandes mídias mundiais.

Enquanto a tensão no país aumentava, Ben Ali tentava manter a ordem, indo visitar Mohamed Bouazizi no hospital - que viria a falecer no dia 4 de janeiro de 2011, e dizendo que os protestos eram inaceitáveis e organizados por uma minoria de extremistas. A velocidade dos acontecimentos surpreendeu a todos. Enquanto o número de mortos divulgado pelo governo era de 21 pessoas, a informação noticiada por muitos era de que havia mais de 50 óbitos. Posteriormente, Ben Ali soltou um comunicado dizendo que não concorreria as eleições de 2014, a declaração não diminuiu a revolta dos cidadãos. Vinte e quatro horas depois deste comunicado, Ben Ali fugiu da Tunísia para a Arábia Saudita, deixando a Tunísia em uma crise política

extrema, mas escancarou que era possível derrubar um ditador árabe com protestos pacíficos.

A maior parte das outras nações árabes sofriam do mesmo problema que levou à queda do governo de Ben Ali na Tunísia, pois a crise financeira global de 2008 agravou a situação econômica e financeira da região, prejudicando a busca por empregos. Onde as revoltas Tunisianas tiveram maior impacto foi no Egito, o país árabe mais populoso, o país era comandado por Hosni Mubarak, que estava no cargo desde 1981. Na capital Cairo, ruas e avenidas foram tomadas por pessoas pedindo reformas políticas e econômicas. O protesto egípcio foi marcado por extrema violência e muitos mortos, mas o fim foi o mesmo da Tunísia: Hosni Mubarak renunciou ao cargo de presidente.

Na Líbia, a situação foi ainda pior. No país, existia uma grande rivalidade entre o leste e o oeste. Inspirados por Tunísia e Egito, a cidade de Benghazi, a segunda maior do lado leste, começou grandes protestos nas ruas, e a resposta do regime de Muammar Khadafi veio em forma de uma repressão extremamente violenta.

Os protestos se espalharam por outras cidades, e Benghazi se tornou um símbolo dos protestos que aconteciam no país. O governo enviou tropas para a cidade, porém, a ONU interveio na situação, aprovando uma zona de exclusão no país, impedindo o regime opressor de Khadafi de usar armamentos de destruição na cidade. A ONU também aprovou o bombardeamento de tanques Líbios que se dirigissem à cidade de Benghazi. As medidas seriam aplicadas pela OTAN.

Com isso, aviões do Reino Unido, França e Canadá e navios americanos começaram a bombardear locais do regime líbio. Então, a crise no país tornou-se uma guerra civil, entre o oeste, onde estava o regime de Khadafi, e o lado leste, onde a rebelião começou. Os bombardeios das forças ocidentais viraram o jogo no conflito, obrigando Khadafi a fugir do país em 23 de agosto de 2011, após o seu palácio ser tomado. Em outubro do mesmo ano, Khadafi seria morto. Mas isso não mudou o cenário de caos do país: logo após a morte do ditador, diversos grupos radicais islâmicos começaram a disputar o controle do país, continuando a guerra civil que se estenderia até 2020, quando os dois lados assinaram um cessar-fogo em Genebra, na Suíça.

A Síria vivia uma situação parecida em relação ao seu líder, Bashar al-Assad, que declarava que lutaria até a morte para manter sua posição, iniciando mais um episódio da Primavera Árabe. O regime sírio era considerado um dos maiores de sua

região. Prisões, tortura e assassinatos eram usados para calar qualquer indivíduo que ousasse se opor as decisões de al-Assad. Em março de 2011, na capital Damasco, foram realizados os primeiros protestos contra o governo sírio. Na cidade de Daara, alguns jovens que protestavam contra a prisão e tortura de adolescentes que foram mortos por pichar dizeres contra o governo, foram mortos.

A partir de Daara, outras cidades começaram a adotar o mesmo tipo de protesto. A cada área que começava os protestos, o governo as calava de uma forma diferente, seja bombardeando, seja cortando serviços básicos, como o fornecimento de água e energia elétrica. As autoridades sempre declararam que os protestantes eram, de forma generalizada, terroristas. Os manifestantes, no entanto, cresciam cada vez mais, tanto em quantidade como em ações, tornando-se um esforço público para derrubar o regime e libertar a Síria deste pesadelo.

A cada vez que os protestos aumentavam, a repressão evoluía proporcionalmente, com o uso de armamentos pesados contra protestantes. Em janeiro de 2013, a ONU divulgou um levantamento de que 59 mil indivíduos haviam sido mortos na Síria entre março de 2011 e novembro de 2012. Era mais uma prova da tragédia que vivia o país. Com a desistência de Barack Obama, então presidente americano, e a recusa do parlamento inglês de se envolver diretamente na guerra, al-Assad continua em sua posição na Síria até o final de 2024, quando forças de oposição ao governo ditatorial lançaram ofensivas em todo o território do país, expulsando Bashar al-Assad e assumindo o governo.

Neste cenário de caos é onde o ISIS surge. O grupo terrorista surgiu oficialmente em 2013, liderado por Abu Bakr al-Baghdadi, como uma ramificação da Al-Qaeda, mas com ideias e objetivos diferentes. Por exemplo, o objetivo central do ISIS era criar um califado, que é um estado islâmico por meio de interpretações radicais da sharia - lei islâmica.

O grupo, se aproveitando do cenário de caos que o país vivia e do enfraquecimento do governo iraquiano, usaram isso ao seu favor para conquistar territórios rapidamente. Em 2014 eles tomaram Mossul, segunda maior cidade do Iraque, e neste mesmo ano declararam o califado, com Baghdadi sendo sua "capital". O grupo tomou controle de partes importantes da Síria e do Iraque, tendo 10 milhões de pessoas sob seu domínio no auge.

O grupo era conhecido por sua violência, brutalidade e propaganda avançada, divulgando suas execuções brutais e seus próximos planos na internet. Além disso,

as fontes de renda do grupo, que faziam o negócio se manter eram: petróleo ilegal, impostos locais, extorsão e resgate de sequestros.

Eles foram responsáveis por grandes atentados da história mundial recente, o mais famoso e mais devastador foi o de Paris em 2015, que deixou 130 mortos. Além de outros, como o de Bruxelas em 2016, de Nice também em 2016 e de Orlando em 2019. Porém, nos últimos anos, o ISIS deixou de ser um grande poder por conta de uma coalizão liderada pelos Estados Unidos e aliados que começaram a atacar o grupo sistematicamente. Em 2017, o grupo perdeu Mossul, em 2019 perderam seu último reduto territorial na Síria, Baguze, e o califado foi oficialmente derrotado, mas o grupo ainda existe, mesmo que não tenha o mesmo poder e influência de antes.

O ISIS influenciou na guerra silenciosa que vivemos hoje indiretamente, sendo um catalisador que acelera a presença e competição das grandes potências no Oriente Médio. Criou oportunidades para manobras políticas e militares americanas, russas e chinesas, serviu de pretexto para justificar o fortalecimento de aliados na região, criou um novo tipo de guerra - cibernética, além de fortalecer a importância de narrativas em um conflito e mostrou que grupos não estatais podem influenciar, e muito, no cenário geopolítico do mundo atual.

## **A Guerra Cultural**

A Guerra Cultural é um movimento intelectual e de mídias de massa que utiliza meios de comunicação, imprensa e elementos culturais para a imposição e aceitação de correntes ideológicas, resultando em uma disputa entre os “progressistas liberais” e os “tradicionais conservadores”. Esse conflito começa no século XX, como resultado de avanços intelectuais que entenderam que o aspecto cultural tem papel fundamental na disputa pelo poder político e social.

Um marco fundamental para o desenvolvimento desse fenômeno foi a Escola de Frankfurt, que consistia em um grupo de intelectuais alemães ligados ao Instituto de Pesquisas Sociais. Seus pensamentos culminaram na criação da Teoria Crítica, que analisava a sociedade capitalista não apenas sob uma perspectiva econômica, mas também por uma visão cultural: defendiam que a “Indústria Cultural”, formada por rádio, cinema, música e televisão, moldava os costumes da população, impedindo novos questionamentos ou rupturas no poder. Nesse momento, não incentivavam



uma revolução cultural, apenas constatavam a relação entre a cultura de massa e a manutenção do status quo.

A partir desses pensamentos, intelectuais, como Herbert Marcuse, passaram a desenvolver ideias sobre libertação sexual, direitos civis e rupturas com hierarquias tradicionais, que rapidamente se espalharam através de correntes progressistas. Ao mesmo tempo, setores conservadores passam a considerar essa transformação como uma ameaça a valores morais e religiosos.

O desenvolvimento desses conflitos em um mundo digital, globalizado e conectado acontece não por meio de uma ruptura cultural, mas com uma apropriação e ressignificação de elementos já consolidados. Na música, no cinema e na televisão, figuras e influências passam a ter novos contornos e significados, ajudando no desenvolvimento de ideologias que impactam a visão da sociedade sobre os mais diversos temas e modelam o pensamento crítico.

Com o avanço das redes sociais e da internet, essa “guerra” passou a ter um campo de batalha ainda mais extenso e veloz. Cada indivíduo pode se tornar o emissor e receptor de ideias, ampliando a formação de bolhas ideológicas, aumento a disseminação de conteúdos e reforçando a importância do fator cultural para o poder social.

Essa disputa tem fortes impactos no cenário político de todas as nações do mundo: sobretudo nas democracias, onde há a liberdade de expressão e disseminação das diferentes correntes, partidos passam a se apropriar de características culturais para ampliar sua base de apoio. Temas considerados sensíveis, como aborto, identidade de gênero, imigração, liberdade de expressão e currículos escolares passaram a ser utilizadas como armas políticas por ambos os grupos.

Na esfera econômica, empresas também estão incluídas nessa questão: ao enfrentarem pressão por parte de seus consumidores para se posicionarem nessas disputas, essas companhias podem ser prejudicadas por meio de boicotes realizados por consumidores de correntes ideológicas opostas. Além disso, governos podem utilizar do elemento cultural e ideológico para promover políticas de controle econômico, aplicando sanções ou prejudicando grandes conglomerados de tecnologia.

Adicionalmente, na esfera familiar e na vida cotidiana, a Guerra Cultural também tem seus efeitos: conflitos políticos e ideológicos se estendem aos lares, ambientes de trabalho e amizades. Debates sobre educação infantil, ideologia de gênero, direitos de minorias e liberdade religiosa promovem discussões e tensões que podem invadir o espaço privado, acarretando em prejuízos para todos os envolvidos.

A sociedade, de forma geral, é afetada de maneiras intrinsecamente opostas: a visibilidade e o debate sobre causas anteriormente marginalizadas, como direitos civis e igualdade racial, representa um avanço nas questões sociais. Por outro lado, elementos como a polarização extrema, a desinformação e a falta de diálogo entre as partes geram o enfraquecimento de instituições democráticas, leva ao alinhamento ideológico de veículos de mídia e à violência política. Além disso, esse conflito se torna um componente principal em disputas ideológicas internacionais, especialmente entre o bloco ocidental, representado pelos Estados Unidos e Europa e de viés progressista, e o bloco oriental, encabeçado por China e Rússia e com perspectiva conservadora.

Em suma, a “Guerra Cultural” moderna, amplamente difundida nas mídias sociais e na imprensa, tem raízes intelectuais profundas, mas teve suas proporções elevadas devido à expansão digital. Seu campo de batalha, diferentemente de uma guerra bélica ou econômica, é a própria cultura, afetando a identidade da população através de valores, propósitos e como as sociedades se percebem e se organizam. É uma disputa global, intensa e discreta, que envolve cada indivíduo, e que moldará o futuro das nações democráticas e das relações internacionais.

### **A Ascensão da China**

A ascensão da China, ocorrida nas últimas quatro décadas, representa a dinamicidade da economia global, moldando a realidade do século XXI e tendo diversas relações com eventos como o 11 de setembro, as operações americanas no Oriente Médio e a “Nova Ordem Global”. Em 1978, Deng Xiaoping, figura de liderança na China socialista pós-maoista, iniciou processos de abertura comercial e internacional para o país, permitindo o investimento estrangeiro para incentivar a produção no território. Em uma estratégia cuidadosamente calculada, o planejamento estatal mantinha-se presente, criando Zonas Econômicas Especiais, onde empresas que buscavam por mão de obra barata e grande potencial consumidor poderiam instalar suas unidades fabris.

Esse processo representou uma grande revolução para a ordem mundial, especialmente em um contexto de declínio da União Soviética e hegemonia dos Estados Unidos. Nas décadas seguintes, os americanos passaram a transferir grande parte de sua produção para o território chinês, reduzindo custos operacionais e tendo acesso a um grande mercado ainda não explorado. Companhias estadunidenses e, mais tarde, europeias, passaram a terceirizar a produção de têxteis, eletrônicos, brinquedos e, futuramente, tecnologia de ponta, perdendo a autonomia sobre o processo de produção. Essa desindustrialização de regiões, como o chamado “Cinturão da Ferrugem”, nos EUA, contribuiu para tensões políticas, que são exploradas até a atualidade.

Durante o crescimento da economia chinesa, o atentado do 11 de setembro de 2001 altera drasticamente o foco dos Estados Unidos para o Oriente Médio, que se envolve em conflitos no Afeganistão, em 2001, e no Iraque, em 2003, no movimento que ficou conhecido como “Guerra ao Terror”. Esse envolvimento proporciona a China uma oportunidade única de crescimento por todo o mundo, ampliando seus mercados na Ásia, nas Américas e na África e se consolidando como uma potência global. Enquanto Washington estava direcionando esforços para questões militares, Pequim avançava com investimentos em todas as áreas, inclusive na cultura e nas relações internacionais.

A entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, representou um acesso ainda maior por parte do país asiático a todos os mercados, consolidando seu papel como exportador de produtos manufaturados. Durante a primeira década do século XXI, o planeta inteiro se beneficia do crescimento da China: o aumento da eficiência e produção das indústrias reduz o custo de equipamentos eletrônicos, que graças as parcerias comerciais, passam a chegar em cada vez mais países. O crescimento econômico, aliado ao enorme contingente populacional, aumenta violentamente a demanda por matérias primas, como minerais e alimentos, impulsionando países subdesenvolvidos, como o Brasil, no movimento conhecido como “Boom das Commodities”.

Aliado ao aumento da presença da China no mundo do entretenimento, com o financiamento de filmes e produções hollywoodianas, expansão do mercado de videogames e o maior acesso às figuras chinesas em todo o mundo, o país deixa de

ser um “estranho” ou “desconhecido”, assumindo uma posição de protagonismo de maneira incontestável.

Nas duas décadas seguintes, 2010 e 2020, o país continua sua expansão comercial e tecnológica, empregando recursos para deixar de ser a “fábrica do mundo” e passar a ser independente intelectualmente do ocidente. Evoluções em telecomunicações, computação pessoal, veículos autônomos e robôs humanóides levam a China ao topo da inovação tecnológica, mas também acendem alertas importantes sobre a possibilidade de uma dependência global.

Ao mesmo tempo em que avançava em todas essas frentes, a ascensão trouxe desafios como desigualdades regionais, o controle rígido, principalmente em relação a liberdade de expressão, do Partido Comunista Chinês, a censura e vigilância digital, bem como um envelhecimento populacional gerado pela “Política do Filho Único”, implantada no país em 1979 para frear o crescimento demográfico.

Da perspectiva externa, o crescimento chinês chama a atenção por remodelar a “Ordem Global”. Sob o comando de Xi Jinping, atual presidente do país, a China torna-se um importante ator no cenário global. A questão de Taiwan, o mar da China e projetos como a “Nova Rota da Seda” demonstram a preocupação com o longo prazo e a manutenção de uma posição de destaque não apenas no continente asiático, mas em uma esfera mundial. Essas ações, especialmente os investimentos em países da Ásia e África, expandem a influência chinesa imediatamente e preocupam o Ocidente, visto a possibilidade de um aumento da dependência econômica.

Essa movimentação está diretamente ligada a fenômenos como a “Guerra Cultural” moderna: enquanto América do Norte e Europa se fragmentam na polarização e questões como identidade de gênero e cultura woke, a China se consolida com uma visão unitária e estável. Ao mesmo tempo, utiliza de influência em plataformas digitais baseadas em seu território, como o TikTok, para difundir sua visão de mundo, enfraquecendo potências ocidentais e ressignificando o conceito de disputa por hegemonia.

Em um plano econômico, já é possível notar a dependência mundial nos ativos e produtos chineses: no momento da pandemia de Covid-19, por exemplo, o fechamento de mercados globais resultou em uma redução drástica na oferta de

produtos manufaturados, como em vestuário e tecnologia, mas também em setores considerados ainda mais sensíveis, como minerais e semicondutores. Mais recentemente, o movimento praticado pelos Estados Unidos de tarifas globais, mas especialmente à China, uma das promessas de campanha mais emblemáticas de Donald Trump, escancarou os eventuais impactos de uma ruptura do país asiático do mercado global, evidenciando a necessidade de todos os países e, em especial, os EUA, da cooperação comercial com a China.

Em síntese, a ascensão da China, movimento que teve início no final do século passado e representou uma “Nova Ordem Mundial” no pós-Guerra Fria, posicionou o país no centro do comércio e diplomacia globais. Incidentes como o 11 de setembro e as invasões estadunidenses no Oriente Médio proporcionaram um ambiente ainda mais favorável para o crescimento, levando a transformação da nação asiática em não apenas uma potência econômica, mas um ator central nas inovações tecnológicas, disputas políticas e influências culturais em todo o planeta. Sua posição em organizações internacionais, bem como a necessidade de reordenação das anteriormente existentes, reforçam as grandes revoluções promovidas por esse movimento. Seu avanço não apenas ressignifica as alianças globais e modelos internacionais, mas também adiciona novas camadas à Guerra Cultural, onde o foco não é a questão econômica, mas modelos de sociedade, valores e o futuro do sistema global.

### **Taiwan e a Disputa Pelo Mar da China**

A situação envolvendo a ilha de Taiwan e o controle do Mar da China representa um grande desafio diplomático e geopolítico do século XXI, e que está diretamente ligado à expansão econômica da China Continental e a visão polarizada na “Nova Ordem Mundial”. Com grande influência ocidental na área, sobretudo dos Estados Unidos, essa disputa representa um grande potencial para um conflito bélico de grandes proporções, contornado por questões econômicas e de influência global.

Historicamente, o território que hoje corresponde a Taiwan pertenceu ao Império Chinês. Apenas com as Guerras Sino-Japonesas, que a posse dessa ilha passou a ser disputada. Ao final da Segunda Guerra Mundial e com a vitória comunista na Guerra Civil Chinesa, o governo derrotado, o Kuomintang (KMT), até então vigente em todo o território chinês, se refugia na ilha, deixando o território continental sob

domínio do Partido Comunista. Na visão da República Popular da China (RPC), Taiwan, ou República da China (ROC), é apenas uma província rebelde, parte inseparável na unidade do território chinês, que está apenas temporariamente afastada do governo central.

No entanto, ao longo dos anos, a população taiwanesa passou a desenvolver a sua própria identidade, culminando em uma diferenciação cultural em relação a RPC. A partir da década de 1990, Taiwan passou por uma transição para a democracia, com eleições livres, imprensa independente e direitos civis assegurados. Simultaneamente, obteve grandes avanços no plano econômico, especialmente no mercado de tecnologia de ponta e semicondutores, projetando-se com grande importância para o cenário global, até mesmo para a China.

A influência dos Estados Unidos na ilha se estende desde cooperação econômica e tecnológica até o apoio militar fornecido pelos americanos. Embora não reconheçam oficialmente Taiwan como um país independente, os EUA, através do “Taiwan Relations Act” de 1979, se compromete em uma aliança para a proteção do território. Entretanto, movimentos recentes, como a constante pressão exercida por Xi Jinping para a reunificação da China, visitas diplomáticas de líderes ocidentais à ilha e a busca por reconhecimento oficial da comunidade internacional elevam a tensão da região.

O governo chinês reivindica toda a área marítima ao sul do seu território, um reflexo da grande importância dessa rota para o mundo: além do comércio internacional, a região se mostra rica em recursos naturais, como o petróleo, além de possibilitar um domínio militar da região a quem conseguir seu controle total. Para atingir esse objetivo, Pequim passou a implantar bases militares em ilhas artificiais, buscar parcerias militares com aliados, como a Rússia e a Coreia do Norte, e realizar testes com mísseis e foguetes, demonstrando seu poder bélico para um eventual combate direto.

No entanto, a globalização e a interdependência global são fatores que impedem qualquer ação agressiva na região, visto o grande fluxo do comércio internacional nas águas em disputa, a necessidade mundial por produtos chineses e taiwaneses e a falta de autonomia da China na indústria de microchips e semicondutores, onde Taiwan é a maior referência. Qualquer ação que promova a

destruição da infraestrutura, tecnologia ou que leve a prejuízos econômicos ou demográficos em Taiwan pode significar uma derrota para o Partido Comunista Chinês, mesmo se obtiverem controle total da ilha.

Adicionalmente, os Estados Unidos vêm constantemente reforçando laços militares com as demais nações da região, de modo a fortalecer sua presença no continente. Através de parcerias com Japão, Coreia do Sul, Austrália e Índia, a expansão comercial e bélica da China é contida, reduzindo o ritmo de crescimento e garantindo uma maior estabilidade na região.

Portanto, a disputa pelo território de Taiwan e o controle do Mar da China são mais do que apenas questões locais ou regionais, mas apresentam implicações para todo o globo. Representa a conexão entre os interesses econômicos, sociais, políticos e militares de diversas nações, com sua estabilidade podendo afetar a ordem internacional. O destino de Taiwan, bem como das rotas e áreas marítimas ao seu redor, representa um dos grandes desafios para o restante do século XXI, e irá moldar o futuro das relações mundiais em mais um capítulo do conflito entre Ocidente e China.

## **A Nova Ordem Mundial**

As relações internacionais de poder econômico e político atuais foram resultado de um processo de transformações iniciados ao fim da Segunda Guerra Mundial, mas especialmente acelerados a partir da década de 1990, com o colapso da União Soviética. Após 1945, a busca por uma paz global levou a formação de blocos e parcerias multilaterais, que culminaram na atual configuração e disposição mundial.

A dicotomia representada pelos EUA e pela URSS, que vigorou durante meio século no período da Guerra Fria, se apresenta como a representação mais extrema da polarização e da busca por uma ordem hegemônica e dominante: cada um com suas teorias econômicas, sociais e culturais. O modelo econômico que obteve maior sucesso, persistindo até a atualidade, teve seu marco inicial com o Acordo de Bretton Woods, em 1944, que teve como objetivo definir as diretrizes econômicas para as relações internacionais no pós-guerra. Nele, as moedas fiduciárias globais passaram a estar atreladas ao dólar americano, sendo esta a única convertível em ouro.

Essa nova realidade econômica possibilitou a reconstrução da Europa com o financiamento americano, no processo que foi chamado de Plano Marshall. Foi apenas em 1971, sob o comando de Richard Nixon, que os Estados Unidos interromperam a relação de sua moeda com o ouro, gerando novos desafios para as relações econômicas e políticas globais. Com esse movimento, foi iniciada a era das moedas fiduciárias flutuantes, com seu valor não mais baseado na relação com um produto escasso, mas sim na percepção de valor e confiança por parte da população nos governos emissores.

O Dólar passou a ser ainda mais dominante nas relações comerciais no globo, já que passava a ser a única referência comum a todas as diferentes moedas do mundo, alçando os EUA ainda mais ao topo do controle do sistema financeiro internacional. Ao longo do tempo, esse domínio passa a ser contestado, resultando em organizações multinacionais que buscam a descentralização econômica em relação ao modelo norte-americano.

Com o fim da Guerra Fria, a expectativa era de uma hegemonia permanente por parte dos Estados Unidos. No entanto, fatores internos e externos culminaram em diversas modificações na ordem global: os ataques de 11 de setembro, por exemplo, mobilizaram o Ocidente em uma “Guerra ao Terror”, provocando instabilidades e desconfianças sobre o domínio estadunidense e proporcionando oportunidades para países emergentes se consolidarem no cenário internacional.

Na primeira década do século XXI, a ascensão da China em termos econômicos, diplomáticos, culturais e tecnológicos desafiou o protagonismo americano, em grande parte devido a sua grande competitividade no custo de mão de obra e grande mercado consumidor. Essa revolução alterou drasticamente a balança de poder global. Em anos mais recentes, essa disputa se tornou ainda mais clara, com decisões em ambos os lados que buscam diminuir a interdependência e desacelerar o crescimento do país rival.

Essa tensão entre as grandes potências também se traduz nos maiores blocos regionais e organizações internacionais, como G7 e OTAN, que defendem os interesses dos países ocidentais – Europa e América do Norte, enquanto os BRICS, bloco inicialmente formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, procura incentivar o desenvolvimento de economias emergentes ou que não estão em



completo alinhamento com as grandes potências consolidadas. A disputa por influência entre as nações e correntes ideológicas é especialmente visível em regiões como África, Sudeste Asiático e América Latina.

A “Nova Ordem Global” também possui efeitos na dimensão cultural: a disputa que envolve temas como valores familiares, liberdade de expressão, identidade de gênero, religião e soberania tem impacto direto nas relações entre governos e países. A cultura tornou-se uma arma importante, explorada por governos democráticos e autoritários para difundir suas teorias, principalmente no ambiente digital. Essa “Guerra Cultural” tem efeitos claros nas relações internacionais: ao afetar alianças, promover boicotes comerciais, acordos diplomáticos e influenciar políticas migratórias, contribui para o avanço do isolamento nacionalista e a redução da cooperação global.

De forma semelhante, a tecnologia, especialmente no que diz respeito as revoluções de inteligência artificial e plataformas digitais, também se tornou um objeto para a promoção do poder político. Investimentos na área de comunicação, como na corrida pelo 5G, demonstraram a disputa pelo domínio da nova era da telefonia, acendendo um alerta entre os países ocidentais para questões como privacidade e segurança dos dados, visto o grande sucesso da China na área.

Conflitos recentes, como a guerra entre Ucrânia e Rússia e os ataques entre Israel e Irã demonstram a ineficiência dos mecanismos de manutenção da paz em vigor há aproximadamente 80 anos. As sanções econômicas tornaram-se a principal arma das grandes potências econômicas, por permitir auxiliar os aliados sem envolvimento direto, mas também incentivam seus rivais a buscarem por autonomia em relação ao sistema financeiro internacional. As constantes e sucessivas crises em países do Oriente Médio, ataques terroristas e guerras por procuração atuam como um desincentivo ao desenvolvimento econômico e social da região, impactando também as demais nações com incertezas sobre as rotas comerciais internacionais e o fornecimento de energia e recursos naturais para o restante do planeta.

Em resumo, a “Nova Ordem Mundial” está marcada por uma forte dependência no Dólar, apesar de pressão em relação a oferta monetária, novas alianças e blocos internacionais, a cultura como arma simbólica, novos participantes no tabuleiro global da geopolítica e instabilidades geradas por guerras bélicas, econômicas e ideológicas. É um momento de fragmentação, fluidez e disputa, com uma complexidade entre

interesses econômicos estabilidade militar, soberania cultural e inovações tecnológicas. O futuro das relações internacionais dependerá de como as nações trabalharão no enfrentamento aos fantasmas do passado e aos desafios emergentes de sociedades interconectadas, desiguais e polarizadas.

### **Considerações Finais**

A nova realidade do século XXI, marcada por conflitos e disputas multilaterais e sem barreiras físicas definidas, é resultado de um conjunto de transformações políticas e sociais em diversas regiões do mundo que, em um contexto globalizado, se somam e originam grandes revoluções em escala global. Pode ser considerada como consequência da ordem definida no período pós Segunda Guerra Mundial que, com o fim da Guerra Fria, teve seu processo intensificado.

Desde a reorganização dos continentes destruídos, a consolidação do sistema financeiro baseado no Dólar, o crescimento econômico da China, o surgimento de novos polos econômicos e tecnológicos até a ascensão de grupos terroristas no Oriente Médio, todos são fatores que corroboraram para a construção de um presente interconectado e dependente, mas contornado por tensões e disputas silenciosas que podem impactar toda a população mundial, exigindo cautela e preocupação nas decisões das lideranças mundiais, para garantir um futuro seguro e estável para todas as nações.

### **Referências**

BBC NEWS BRASIL. **Atentados de 11 de Setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21.** 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015.amp>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BRASIL ESCOLA OFICIAL. **Escola de Frankfurt – Brasil Escola.** YouTube, 17 nov. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/wsz3FMaEkkE?si=y00omJfafm-DGZhg>. Acesso em 1 jul. 2025.

BROWN, David. Como China perdeu Taiwan e qual a situação atual da 'ilha rebelde'. **BBC News Brasil,** 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72yyjky4emo>. Acesso em: 01 jul. 2025.

CORTES DO INTELIGÊNCIA [OFICIAL]. **O que é a GUERRA CULTURAL que ESTAMOS ENFRENTANDO?**. YouTube, 19 mar. 2025. Disponível em: [https://youtu.be/LrMIHb5UoFw?si=ODFY6Ag3acdZv3s\\_](https://youtu.be/LrMIHb5UoFw?si=ODFY6Ag3acdZv3s_). Acesso em: 1 jul. 2025.

DATHEIN, Ricardo. **De Bretton Woods à Globalização Financeira: Evolução, Crise e Perspectivas do Sistema Monetário Internacional**. 2003. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/fce/wp-content/uploads/2017/02/TD05\\_2003\\_dathein.pdf](https://www.ufrgs.br/fce/wp-content/uploads/2017/02/TD05_2003_dathein.pdf). Acesso em: 1 jul. 2025.

FUKUYAMA, Francis. **O Fim da História e o Último Homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. ISBN 978-0-02-910975-5.

INSTITUTO MILLENIUM. **Corrida pelo 5G: a nova guerra fria é tecnológica**. 28 jul. 2020. Disponível em: <https://institutomillennium.org.br/corrida-pelo-5g-a-nova-guerra-fria-e-tecnologica/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: estabilidade e crescimento econômico. **Brazilian Journal of Political Economy**. Jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31572010000200002>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SILVA, Daniel Neves. Guerra do Afeganistão de 2001. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerra-afeganistao.htm>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SIMÕES, Rogério. O que foi e como terminou a Primavera Árabe?. **BBC News Brasil**. 10 fev. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502.amp>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ZEIDAN, Adam. Islamic State in Iraq and Syria. **Britannica**. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Islamic-State-in-Iraq-and-the-Levant>. Acesso em: 2 jul. 2025.